

Batalhão de Choque entra à força no Museu do Índio

OAB-RJ nega ter recorrido contra desocupação do Museu do Índio. Mais cedo, duas mulheres apresentaram documento que, supostamente, impedia a entrada dos policiais no prédio
Dez indígenas deixaram o local espontaneamente. Negociações continuam
Manifestantes chegaram a fechar a Radial Oeste e provocaram um nó no trânsito

[Enviar](#)

[Imprimir](#)

DIEGO BARRETO ([EMAIL](#) · [FACEBOOK](#) · [TWITTER](#))

GUSTAVO CARVALHO ([EMAIL](#) · [FACEBOOK](#) · [TWITTER](#))

ANA CLÁUDIA COSTA ([EMAIL](#) · [FACEBOOK](#) · [TWITTER](#))

Publicado: 22/03/13 - 4h28

Atualizado: 22/03/13 - 12h10



RIO - Após uma manhã de clima tenso e negociações, policiais do Batalhão de Choque (BPChoq) entraram à força no Museu do Índio, no Maracanã, na Zona Norte do Rio, nesta sexta-feira. A desocupação acontece com muito tumulto e correria. Há pelo menos um índio ferido. Os policiais fizeram um cordão de isolamento para retirada dos ocupantes do local. Alguns manifestantes entraram em confronto com os policiais e foram dispersados com gás de pimenta. A Radial Oeste, via em frente ao prédio, chegou a ser interditada nos dois sentidos.

VEJA TAMBÉM

- [Sérgio Cabral desiste de demolir Museu do Índio](#)
- **GALERIA** [Indígenas resistem a deixar o Museu do Índio](#)
- [Museu do Índio funcionou nos arredores do Maracanã, na Zona Norte, de 1953 a 1977](#)
- [Paes ignora parecer do Conselho de Patrimônio e libera demolição do antigo Museu do Índio](#)
- [Índios rejeitam oferta de aluguel social para deixar antigo museu](#)

Mais cedo, o procurador-geral da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Guilherme Peres de Oliveira, disse que a Ordem desconhece qualquer mandado de segurança impedindo a entrada de policiais militares no acampamento do Museu do Índio. O procurador esclareceu que qualquer mandado de segurança impetrado em nome da instituição deve passar pela procuradoria geral da OAB e isso não aconteceu. Guilherme Peres de Oliveira acrescentou que não conhece as pessoas que estão atuando no embate entre policiais e indígenas, que se denominam representantes da OAB. Ele acrescentou que apenas designou a comissão de Direitos Humanos do órgão para acompanhar o caso.

No início da manhã, duas mulheres chegaram ao local com mandados de segurança, que supostamente, impedia a entrada dos policiais militares no prédio. Segundo elas, o documento teria sido concedido pelo desembargador Mário Robert Mannheimer. No entanto, a Secretaria de Assistência Social negou a informação.

Desde as 3h, policiais do Batalhão de Choque, com apoio de dois veículos blindados, lançavam bombas de gás de pimenta contra manifestantes. Eles ficaram posicionados durante toda a manhã no entorno do antigo museu, enquanto representantes do governo do estado negociavam com os indígenas sobre a transferência provisória da Aldeia Maracanã para um terreno em Jacarepaguá, na Zona Oeste. Por volta das 7h40m, dez ocupantes do espaço deixaram o local, espontaneamente. Uma escada foi colocada no muro do museu para facilitar a saída do grupo.

Os indígenas que vivem no casarão em ruínas do Maracanã reuniram-se na quinta-feira e redigiram sua proposta para sair espontaneamente do local. O grupo quer do governo do estado uma garantia de que o imóvel será recuperado e será usado exclusivamente para a promoção da cultura indígena. Uma comissão escolhida durante a reunião seguiu para a Secretaria estadual de Assistência Social e Direitos Humanos para apresentar a proposta.

Mais cedo, o secretário estadual de Assistência Social e Direitos Humanos, Zaqueu Teixeira, apresentou uma nova proposta como ultimato para a saída pacífica do grupo do imóvel. O órgão identificou três terrenos, um em Bonsucesso, outro em Jacarepaguá e o terceiro no Maracanã, como opções para a construção de um local para abrigar provisoriamente o grupo de 22 pessoas, até que esteja pronto o Centro de Referência da Cultura Indígena, na Quinta da Boa Vista.

A proposta do grupo, assinada por todos que vivem no local, prevê a utilização do casarão como uma embaixada indígena em pleno ambiente urbano, aberta a todas as etnias existentes no Brasil, como um espaço para mostrarem sua cultura e realizarem intercâmbios de conhecimento.

O grupo afirmou que sairá imediatamente do local se o governo aceitar a proposta e apresentar garantias de que ela será respeitada. Os indígenas pediram, ainda, que um especialista vá ao prédio para avaliar se existe a possibilidade de se fazer um alojamento provisório dentro do próprio terreno.

Inicialmente, a secretaria havia oferecido acomodação para os índios num hotel da prefeitura localizado na Rua de Santana. Mas eles não haviam aceitado a proposta e pediram a oferta de um local mais adequado à sua cultura.

— Oferecemos tudo para que esse impasse fosse resolvido. Transporte, hospedagem e a construção do Centro de Referência. Essa é a nossa última proposta. Não temos mais o que ofertar. O grupo deve deixar o imóvel comprado pelo governo do estado ainda nesta quinta-feira — disse o secretário, após fazer a nova proposta. Zaqueu disse estar desapontado com a Fundação Nacional do Índio (Funai), que, segundo ele, apesar de acionada, não teria participado das discussões em momento algum.

Leia mais sobre esse assunto em <http://oglobo.globo.com/rio/batalhao-de-choque-entra-forca-no-museu-do-indio-7914673#ixzz2OHXccWPp>

© 1996 - 2013. Todos direitos reservados a Infoglobo Comunicação e Participações S.A. Este material não pode ser publicado, transmitido por broadcast, reescrito ou redistribuído sem autorização.